

LIÇÃO 7 - A Definição de Enunciação

17a 2 No entanto, nem toda fala é enunciativa; mas apenas a fala na qual há verdade ou falsidade.

17a 4 A verdade e a falsidade não estão presentes em toda fala, contudo; uma prece, por exemplo, é fala, mas não é nem verdadeira nem falsa.

17a 5 Consideremos, portanto, a fala enunciativa, que pertence à nossa presente investigação, e omitamos os outros tipos, pois o estudo destes pertence antes à retórica e à poética.

1. Tendo definido os princípios da enunciação, o Filósofo agora começa a tratar da própria enunciação. Isso se divide em duas partes. Na primeira, ele examina a enunciação absolutamente; na segunda, a diversidade de enunciações resultante de uma adição à enunciação simples. Esta última é tratada no segundo livro, onde ele diz: "Já que uma afirmação significa algo sobre um sujeito, etc." A primeira parte, sobre a enunciação absolutamente, divide-se em três partes. Na primeira, ele define enunciação; na segunda, a divide onde diz: "Primeiro a afirmação, depois a negação, é a fala enunciativa que é una, etc."; na terceira, trata da oposição de suas partes entre si, onde diz: "Já que é possível enunciar que o que pertence a um sujeito não lhe pertence, etc." Na porção do texto tratada nesta LIÇÃO, que trata da definição de enunciação, ele primeiro expõe a definição, depois mostra que essa definição diferencia a enunciação de outras espécies de fala, onde diz: "A verdade e a falsidade não estão presentes em toda fala, contudo, etc.", e finalmente indica que apenas a enunciação deve ser tratada neste livro, onde diz: "Consideremos, portanto, a fala enunciativa, etc."

2. Acabou de ser dito que a fala, embora não seja um instrumento de uma potência operando naturalmente, é, no entanto, um instrumento da razão. Ora, todo instrumento é definido pelo seu fim, que é o uso do instrumento. O uso da fala, como de todo som vocal significativo, é significar uma concepção do intelecto. Mas há duas operações do intelecto. Em uma, a verdade e a falsidade são encontradas, na outra não. Aristóteles, portanto, define a fala enunciativa pela significação do verdadeiro e do falso: "No entanto, nem toda fala é enunciativa; mas apenas a fala na qual há verdade ou falsidade." Note com que notável brevidade ele indica a divisão da fala por "No entanto, nem toda fala é enunciativa", e a definição por "mas apenas a fala na qual há verdade ou falsidade." Isto, então, deve ser entendido como a definição da enunciação: fala na qual há verdade e falsidade.

3. Diz-se que o verdadeiro ou o falso está na enunciação como num sinal do pensamento verdadeiro ou falso; mas o verdadeiro ou o falso está na mente como num sujeito (como se diz na *Metafísica* VI [1027b 17–1028a 5]), e na coisa como numa causa (como se diz no livro das *Categorias* [5: 4a 35–4b 9]) — pois é a partir dos fatos do caso, isto é, do ser ou não ser de uma

coisa, que o discurso é verdadeiro ou falso.

4. Em seguida, ele mostra que esta definição diferencia a enunciação dos outros discursos, quando diz: **A verdade ou falsidade, no entanto, não está presente em todo discurso**, etc. No caso do discurso imperfeito ou incompleto, é claro que ele não significa o verdadeiro ou o falso, pois não produz sentido completo na mente do ouvinte e, portanto, não expressa completamente um juízo da razão, no qual consiste o verdadeiro ou o falso. Feita esta observação, porém, deve-se notar que há cinco espécies de discurso perfeito que são completos em significado: enunciativo, deprecativo, imperativo, interrogativo e vocativo. (A propósito deste último, deve-se notar que um nome sozinho no caso vocativo não é discurso vocativo, pois algumas das partes devem significar algo separadamente, como foi dito acima. Assim, embora a mente do ouvinte seja provocada ou despertada para a atenção por um nome no caso vocativo, não há discurso vocativo, a menos que muitas palavras sejam unidas, como em "Ó bom Pedro!") Destas espécies de discurso, a enunciativa é a única em que há verdade ou falsidade, pois somente ela significa a concepção do intelecto absolutamente, e é nisso que reside a verdade ou falsidade.

5. Mas o intelecto, ou razão, não apenas concebe a verdade de uma coisa. Pertence também ao seu ofício dirigir e ordenar outros de acordo com o que concebe. Portanto, além do discurso enunciativo, que significa o conceito da mente, teve de haver outros tipos de discurso para significar a ordem da razão pela qual outros são dirigidos. Ora, um homem é dirigido pela razão de outro em relação a três coisas: primeiro, para atender com sua mente, e a isso se refere o discurso vocativo; segundo, para responder com sua voz, e a isso se refere o discurso interrogativo; terceiro, para executar uma obra, e em relação a isso, o discurso imperativo é usado com relação aos inferiores, e o deprecativo com relação aos superiores. O discurso optativo se reduz a este último, pois o homem não tem o poder de mover um superior senão pela expressão de seu desejo.

Estas quatro espécies de discurso não significam a concepção do intelecto na qual há verdade ou falsidade, mas uma certa ordem que se segue a esta. Consequentemente, a verdade ou falsidade não se encontra em nenhuma delas, mas apenas no discurso enunciativo, que significa o que a mente concebe a partir das coisas. Segue-se que todos os modos de discurso nos quais se encontra o verdadeiro ou o falso estão contidos sob a enunciação, que alguns chamam de indicativa ou supositiva. O dubitativo, deve-se notar, reduz-se ao interrogativo, assim como o optativo ao deprecativo.

6. Em seguida, Aristóteles diz: **Consideremos, portanto, o discurso enunciativo**, etc. Aqui ele aponta que apenas o discurso enunciativo deve ser tratado; as outras quatro espécies devem ser omitidas no que concerne à presente intenção, porque sua investigação pertence antes às ciências da retórica ou da poética. O discurso enunciativo pertence à presente consideração pela seguinte razão: este livro está ordenado diretamente à ciência demonstrativa, na qual a mente do homem é conduzida por um ato de raciocínio a assentir à verdade a partir daquelas coisas que são próprias à coisa; para este fim, o demonstrador usa apenas o discurso enunciativo, que significa as coisas conforme a verdade sobre elas está na mente. O retórico e o poeta, por outro lado, induzem o assentimento ao que pretendem não apenas através do que é próprio à coisa, mas também através das disposições do ouvinte. Daí que os retóricos e poetas, na maioria das vezes, se esforçam por mover seus auditores despertando certas paixões neles, como diz o Filósofo em sua *Retórica* [I, 2: 1356a 2, 1356a 14; III, 1: 1403b 12]. Este tipo de discurso, portanto, que se ocupa da ordenação do ouvinte em direção a algo, pertence à consideração da retórica ou da poética por

razão de sua intenção, mas à consideração do gramático no que diz respeito a uma construção adequada dos sons vocais.

Revision #1

Created 19 September 2026 23:26:38 by Admin

Updated 19 September 2026 23:27:03 by Admin